

## **A RE(CONSTRUÇÃO) DA IDENTIDADE INDÍGENA NO CONTEXTO DA ATUALIDADE**

**Autor 1, Isuara Soares Santana**

**Autor 2, Julieny Oliveira Espindola**

1 Graduando do curso de .história do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

2 Graduando do curso de .história do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

**Palavras-chave:** Reconstrução, Identidade étnica, Ressignificação, Pertencimento

### **Introdução**

O presente texto busca abordar o tema da “identificação étnica” das populações indígenas e seu objetivo reside na necessidade de rever e explicitar parâmetros antropológicos sobre a identificação étnica. Serão discutidas definições sobre o que se entende atualmente por: grupo étnico; identidade étnica e manipulação de identidades. A ocupação humana da América começou há mais de 10.000 anos quando os europeus chegaram à virada do século XV. A América era isolada de certa forma, dos demais povos europeus. Era um mundo a parte ou uma face oculta do planeta, mas com toda exuberância e vida conservada em seu ambiente natural, muitas vezes chamada de Éden por Cristóvão Colombo. Tendo ordens dos reis de Castela, a viagem ao novo continente era pela busca de artefatos valiosos, como ouro principalmente, e mão-de-obra se possível. Pois a Espanha se via em crise e era uma forma de obter lucros, entretanto os indígenas não tinham a mesma relação de interesses dos europeus e isso proporcionou uma tensão entre eles, que posteriormente resultaria em um massivo extermínio e escravidão. Atentando aos conflitos estabelecidos entre os europeus e os povos indígenas que resultaram no processo civilizatório, e conseqüentemente em re(construção) da identidade indígena, sendo este um processo contínuo até os dias atuais.

O processo de conquista e colonização do Novo Mundo, implantado de forma brutal e violenta, associado ao grande choque epidemiológico proveniente das doenças trazidas pelos europeus, provocou uma grande mortandade por todo continente, a qual perdura, de certa

forma até nossos dias. RIBEIRO (1988), afirma que, durante o primeiro século de conquista, a mortalidade foi de fato 25, o que significa que, onde existiam 25 pessoas, restou uma. A América era um mundo à parte. Esse universo que levou milhares de anos para se desenvolver, florescia por todo o continente como rica e forte civilização indígena, em toda sua diversidade étnica, possuindo suas próprias normas, códigos e leis, variados sistemas de organização social. Povos com suas diferentes expressões de identidade cultural, dinâmica e eficiente, produtos de uma experiência histórica, cultural e humana única. O expansionismo europeu impôs a reprodução, aqui de seu próprio mundo, aniquilando o outro, com seus processos civilizatórios.

### **Metodologia:**

Ao final desse texto podemos destacar como foco metodológico, leituras referentes ao tema, e também priorizamos notícias atuais acerca das políticas públicas, violência e das questões sociais. Assim, identificamos o período histórico em seu contexto e como receberam influências associando a colonização, e a representação dos valores eurocêntricos.

### **Resultados e Discussões**

A palavra “civilização” possui um significado bastante abrangente. O termo tem sua origem no latim – civis, civitas – e se relaciona ao morador da cidade, dele derivando também as palavras civil e cívico. Daí a condição de civil, em contraposição a “Bárbaro”. O termo geralmente empregado para classificar o conjunto de criações e realizações culturais, materiais e espirituais dos povos de cultura urbana. Ele possui caráter restritivo ou abrangente, conforme a maneira pela qual é utilizado. Desde o princípio da conquista, as relações que os europeus estabeleceram com os indígenas foram mediados através de condutas violentas de domínio e submissão. Posteriormente a este contato surgem indagações como, a desmistificação da perda de identidade por parte do indígena após o contato europeu e os seus reflexos na atualidade, além das mudanças culturais sofridas no interior das etnias indígenas. A partir do contato europeu com os povos indígenas o processo de troca cultural começará a

existir, a visão eurocêntrica irá prevalecer, será autora da justificativa no processo de inúmeros genocídios, além de outros fatores que contribuirão para o massacre e extermínio de vários povos. Perpassado mais de quinhentos anos após a chegada dos colonizadores e dado início ao processo de colonização, as demais etnias indígenas que sobreviveram à tamanha brutalidade, sofridas com o contato do não índio, e após longas transformações da sua identidade, o ser índio para eles mantém a sua singularidade. A construção do termo identidade surge a partir de uma inquietação, e do contato com povos de culturas totalmente distintas, neste momento será reforçado as caracterizações que constituem o conjunto de um determinado povo, e isto incluem sua cultura, língua, crença, costumes e rituais, que mesmo sofrendo mutações não perderão seu significado e historicidade, marcado pela sobrevivência cultural. Segundo Cohn (2001 apud Graham<sup>1</sup>, 2000), em seus estudos sobre os Xavantes afirma que:

Os Xavante têm conseguido ganhar visibilidade na mídia, a partir da combinação de uma ênfase na tradição e inovações na divulgação e na colaboração com profissionais das mais diversas áreas. Ou seja, a inovação na comunicação com o exterior e nas relações interétnicas é utilizada para mostrar sua indianidade por meio da divulgação de sua tradição e cultura mantidas \_ ou melhor, divulgadas como mantidas, perpetuadas, em resposta à expectativa de imutabilidade que descobriram nos brancos.

Mesmo tendo vivenciado uma conjuntura que “modificaria” a cultura dos Xavante, percebe-se que ao incorporar este novo método, trará algo positivo para a continuação de sua história e representação da identidade desta etnia. Apesar do avanço em desmistificar que o indígena a partir do contato com o branco perdera toda sua identidade e cultura, é plausível de atentar que o contato do colonizador trouxera consequências e desdobramentos intermináveis, assim como se encontra Os Tapuios do Carretão, localizados na aldeia Carretão, nos municípios de Rubiataba e Nova América, segundo Chaveiro et. al. (2011)

Fora as atividades que se baseiam apenas na sobrevivência, a sua luta inicial foi – e é – para compor forças na construção da identidade. Proveniente das políticas indigenistas que incidiram em Goiás mediante a prática de aldear para civilizar, domesticar, escravizar e pacificar, o povo Tapuia foi juntado forçadamente pela tática do aldeamento. Por esse tipo de tática de pressão territorial cumpria-se um objetivo: criar um modo rápido e sem defesa de desocupar as terras habitadas pelos povos indígenas

---

<sup>1</sup> GRAHAM, L.R. “ Os Xavante na cena pública”. In: RICARDO, C.A. (org.). Povos indígenas no Brasil, 1996-2000. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2000.

A resistência dos povos indígenas desde o início do contato com outra cultura, e a sua luta em permanecer viva a identidade cultural é vivida e, revivida cotidianamente durante anos, enfrentando os olhares estereotipados do índio que é somente índio quando se reserva restritamente ao ambiente de aldeamento, se sentir impactado pela globalização que adentra em seus costumes, modos e viveres. Portanto, assim o seu lugar estará intrinsecamente relacionado à construção da sua identidade, e retirá-lo dali seria apagar metade de sua memória e história, conforme cita Silva em sua análise da vida dos Avá-Canoeiro

A terra para o índio vai além da retirada dos recursos naturais para sua sobrevivência; é uma ligação e significação que transcende ao utilitarismo, porque sem a terra as relações sociais deixam de existir. Desse modo, entende-se que para adentrar as particularidades dessa cultura, dos costumes, das significações de pertencimento é preciso compreender o lugar, que representa suas vivências, suas lembranças, sua história.

Apesar do constante contato interétnico, e a persistência em continuar, prevalecerá a cultura do dominante sob o dominado; as etnias indígenas vem lutando, se readaptando a este processo cultural em favor da sua sobrevivência e da sua história.

### **Conclusão:**

Nesse texto, que é uma breve reflexão, procuramos abordar a re(construção) da identidade indígena desde a o descobrimento até os dias atuais, assim compreendendo o processo de ressignificação. Após o contato europeu a experiência dos autores traz a tona essa necessidade de se romper com as relações coloniais que ainda persistem na prática e no discurso. Só analisando os vários significados que emergem dos diferentes sujeitos que se relacionam de alguma forma poderemos contribuir para uma nova relação, entre algo muito maior, que é o reconhecimento de seus pares e seu pertencimento ao lugar de origem. Essa sem dúvidas será uma das maiores conquistas do Brasil contemporâneo.

### **Referências:**

COUTO, Jorge: A gênese do Brasil. In: MOTA, Carlos Guilherme (org) **Viagem incompleta: A experiência brasileira (1500-2000)** São Paulo: SENAC, 2000.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; SILVA, Lorraine Gomes da; LIMA, Sélvia Carneiro de. **O Cerrado na perspectiva dos povos indígenas de Goiás: a arte de vida do povo Tapuia do Carretão-GO.** Cienc. Cult. [online]. 2011, v. 63, n. 3, p. 39-41. ISSN 0009-6725.

Lorraine Gomes. **Construção do lugar: Trajetórias dos Avá-canoeiro no Cerrado do norte goiano.** In.: PELÁ, Márcia. Denis Castilho (Orgs.) Cerrados: perspectivas e olhares. Goiânia: Ed. Vieira. 2010.

COHN, Clarice. **Culturas em Transformação: os índios e a civilização.** Cienc. Cult. [online]. 2001, v. 15, n. 2 p. 1-12. ISSN 1806-9452.

RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro, A formação e o sentido do Brasil.** Editora companhia da Letras. São Paulo, 2006.